Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE000024

BARES, boêmios e noite: definição e exemplos destes que fazem a noite. Jornal de Domingo, Campinas, 14 dez. 1986.

Correio Popular, Campinas, 14 dez. 1986.

Definição e exemplos destes que fazem a noite

E como definir um boêmio? Esta pergunta Zaimam de Brito Franco explicou pelas palavras do banqueiro e político mineiro, Magalhães Pinto, que definiam este ser da noite pela sua grandeza: "Prefiro emprestar dinheiro a boêmios que a pessoas ricas. Boêmio sempre paga. Grã-fino sempre me deu calote". A partir daí, Zaimam enumera uma série de boêmios que marcaram a cidade.

— Boêmio e honesto foi Siqueirinha, fiel cantor da noite que morreu como indigente numa garagem do Botafogo. Boêmio foi Lourival Nascimento, o Lé, que a meningite traiçoeira nos robou, privando-nos de um dos melhores contadores de história de Campinas. Boêmio é sinônimo de Aragão, Cornel Wilde, Candonga — Candonga que ainda vive, velho e doente, confinado num casebre da José Paulino, cercado de saudade por todos os lados.

"Boêmios famosos e fascinantes são Mará e Ito: compraram o famoso Bar Lo Shiavo só para se sentirem em casa. E liquidaram o estoque do bar em tempo recorde. Boêmio era Abel Dias no tempo do Bar Ideal, que ficava cismando coisas que nunca revelou a ninguém. Talvez só tenha confidenciado a Dogde Athanázio ou a Celso Anderson. Zezé Moreno, Walter Cabeleleira, Jaime, Pezão, Caría, Ferraz, Casquinha — todos boêmios e bons, santos e heróis. Boêmio ainda é Éder Leme que não resiste a uma viagem sem destino, deixando-se levar pelos caminhos que acabam sempre em Minas."

"Paradigma da boêmia de Campinas foi — e provavelmente ainda é — o imbatível Chico Benito. Boêmio com honra, sem pose, sem atavismo, sem ambição; com a glória de boêmio, porém desprezando a própria glória. Boêmio, apenas boêmio. Chico Benito, em toda sua vida, nunca se furtou de acariciar a noite. Para ele tanto faz: Sexta-Feira Santa, Carnaval, 7 de setembro ou uma quarta-feira qualquer — tudo é noite e exige mulheres alegres, boas bebidas, conversa inteligente e descompromisso. Chico Benito talvez seja o mais incoerente dos boêmios do mundo: nunca desperdiçou uma única noite — mas nunca, na sua irrepreensível vida de cartório, chegou atrasado. Trabalhou e viveu com a mesma resistência e disposição: podia recolher-se às 7h30 da manhã, mas às 8 estava no trabalho. Aposentou-se do Cartório. Mas não conseguiu aposentar-se da noite". "Braguinha era estudante de direito, e outro boêmio baixinho, simpático, amigo do Strong, do Righeto, do Índio, do Xande e do Nagibe. Formou-se, fez concurso e virou juiz. Hoje é desembargador, estrela de primeira grandeza da magistratura paulista. Mas mantém o mesmo jeitão de boêmio, do tempo que freqüentava a boate do Bié Mascaro e sonhava ansiedades na boate Colúmbia", explica Zaimam.

"Boêmio era Cataldo Bove, pianista e jornalista, meio poeta, meio louco, que conseguiu um feito notável: era, ao mesmo tempo e no mesmo horário, editor do 'Jornal de Campinas' e pianista da Boate El Cairo. Desdobrava-se, multiplicava energia e nunca confundiu a máquina de escrever com o piano."

Por detrás do ônibus

"Boêmio foi Nelson Fort, cantor de voz forte, artista de cinema e teatro, professor de desenho e sentimental como poucos. Morreu de boemia. Por isso acho até que morreu feliz. Que grande boêmio é Thomás Perina! Artista encantador e famoso, faz com o marrom coisas inacreditáveis. Thomás Perina é boêmio na filosofia de vida, mas, como artista, está 20 anos na frente de todos nós. Teve um grande amigo e um grande boêmio: Fritz Hussmann, que escrevia para que terceiros ganhassem fama, dinheiro e glória. Cansado da mediocridade de uma cidade quase sem referências, Fritz preferiu morrer. Mas ainda vive no sentimento dos que lhe reconheciam o artista fantástico e o boêmio despojado. Fura, Matalo, China, Moleza não saberiam viver sem a noite".

— Boêmio foi o "Professor". Tinha uma noiva que residia, por pura fatalidade e maldição, em frente ao bar que freqüentava: o Lo Schiavo. Noivava até as 10 e despedia-se. Noivinha na janela para dar o adeusinho esperando o Professor virar a Dr. Quirino. O Professor virava e parava. Ficava na ansiedade de aparecer o ônibus que descia a Conceição, rumo ao Cambuí. E quando o "Mercadão" tapava a visão da casa da noiva — que se mantinha na janela — o boêmio corria paralelo ao ônibus, protegido pela máquina. Entrava no bar depressa, escolhia um lugar estratégico e bebia até o Afonso Lepreri fechar o lugar.

E por que tanto amor pela noite? Zaimam frisa que talvez porque o "bar é muito importante. Talvez seja uma das coisas mais sérias da vida. Como definiu Paulo Mendes Campos: Bar é bar — uma verdade precisa e absoluta. O que se vê é que o descompromisso é o fundamento da boêmia, pois, de noite, não há horas previstas e nem minutos implacáveis. Além disso, a filosofia de bar é peculiar porque todo o boêmio não tem filosofia nenhuma. Só que, repito, o irremediável é o grande elo. Como nos laboratórios fotográficos, é no escuro que se revela a alma do boêmio. O irremediável aproveita a noite para brincar de labirinto, onde é impossível saber se é o boêmio que caminha para chegar em algum lugar ou se é o lugar que acaba caminhando para o boêmio".